

MÚSICA NA EDUCAÇÃO ESPECIAL: JOGOS ADAPTADOS

Elton Mendes Pinheiro
eltonmenendez@live.com

Jorge Octavio Batista
jorge.octavio@live.com

Filipe Busana Dias
filipinhodias@outlook.com

Maria Luiza Feres Amaral
liza.amaral@univali.br

Univai - Universidade do Vale do Itajaí

Resumo: O presente artigo relata a prática do estágio supervisionado do 5º período do curso de Licenciatura em Música da UNIVALI - Universidade do Vale do Itajaí, realizado na instituição "Oferte - Oficina Especial de Arte". O trabalho, que tem como tema "Música na educação especial: jogos adaptados", foi dividido em uma visita técnica, uma aula diagnóstica e sete intervenções, de onde foram coletados os dados e resultados através da observação, análise de fotos e vídeos das intervenções, reflexões sobre a prática e relatórios. A proposta do trabalho baseou-se em experimentar diferentes jogos musicais adaptados, visando atender às deficiências físicas e cognitivas apresentadas pelos educandos da instituição. Para as intervenções foram preparados diversos materiais didáticos, além do canto. A principal referência teórica utilizada foi Louro (2006), com ênfase nas propostas dos jogos musicais e metodologias de ensino voltadas para pessoas com necessidade de educação especial. O projeto teve como produto final uma apresentação pública de uma canção executada pelos alunos em conjunto com os estagiários.

Palavras chave: educação especial, material didático, jogos adaptados.

Introdução

Foi no século XIX que a educação especial começou a ser abordada no Brasil. Inspiradas em experiências de outros lugares do mundo, ações isoladas manifestaram-se no nosso país, porém, somente algumas décadas depois foi que a educação especial começou a ser pensada como modalidade de ensino oficial, e sendo denominada "educação dos excepcionais".

Em 1961, promulgou-se a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº4.024/61, primeira lei federal que indicava a necessidade de serviços de Educação Especial. Em 1972 foi criado um órgão que pudesse gerir a modalidade no país: o CENESP (Centro Nacional de Educação Especial), que viria a se tornar SEESP

(Secretaria de Educação Especial), mantendo as mesmas competências e estrutura organizacional. Desde então, a educação especial no Brasil segue norteadas por mudanças referentes à concepção de deficiência e, conseqüentemente, pela emergência de políticas que garantam o acesso -de forma inclusiva- dessas pessoas em unidades de ensino comum.

A Música na educação especial, por sua vez, também demorou muito para receber a merecida atenção em congressos e encontros nacionais sobre educação musical. Somente após a criação da Nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDBEN (Lei nº9394/96), que determina a inclusão dos alunos portadores de deficiência nas classes das escolas regulares (BRASIL, 1996) - foi que o tema ganhou notoriedade em encontros da Associação Brasileira de Educação Musical.

No presente artigo discutir-se-á sobre este tema de extrema relevância nos dias atuais, que é a educação musical dentro de um contexto de inclusão, porém dar-se-á uma atenção especial aos jogos adaptados sendo utilizados como material didático.

Considera-se material didático todo o material que serve como apoio ou recurso nos processos de ensino e aprendizagem: livros, papéis, Datashow, mapa, jogos, caneta, entre outros. Agora, tratando-se de material didático voltado à educação musical especial, questiona-se se os jogos adaptados escolhidos para serem aplicados em turmas de Educação Especial serão suficientes para que eles vivenciem e interajam com a música.

Uma das principais motivações para o desenvolvimento deste trabalho foi a constatação de carência de métodos didáticos eficazes na experimentação com esse público. A partir disso, os estagiários optaram por trabalhar com jogos musicais adaptados às necessidades e possibilidades dos educandos da "OFEARTE - Oficina de Especial de Arte". Os jogos musicais adaptados são de extrema importância tanto no que se refere à aprendizagem musical, quanto ao desenvolvimento geral da pessoa, podendo também atuar também como colaboradores na melhora da própria deficiência. (LOURO, 2006).

Desde o início do desenvolvimento deste trabalho o principal referencial didático foram os jogos adaptados de LOURO (2006), que são atividades pedagógico-musicais direcionadas ao público com necessidade de educação especial. Ainda podemos destacar o material de Schambeck (2015) que considera o contexto inclusivo

como um lugar propício para interação de políticas, culturas e de práticas de aprendizagem relevantes, baseadas na cooperação e na diferenciação inclusiva, respeitando a sua diversidade física, racial ou religiosa.

Portanto, esse trabalho de estágio analisa a prática de estágio do 5º período do curso de licenciatura em música na educação especial, que tem como objetivo musicalizar um grupo de pessoas com necessidades de educação especial, a partir de práticas musicais com jogos adaptados, visando a sensibilização e receptividade ao som, assim como a socialização e autoconfiança.

A educação especial e os jogos musicais adaptados

A educação tem por objetivo assegurar que determinado indivíduo tenha plena formação em todos os seus aspectos enquanto ser-humano: físico, emocional e intelectual. Desta forma, faz-se necessário que todos tenham acesso à educação, e que essa possa abranger todos esses aspectos, proporcionando ao educando a possibilidade de aprender de acordo com as suas necessidades e particularidades. O Tratado de Salamanca (1994) recomenda o acolhimento de todas as crianças nas escolas regulares, independentemente de suas diferenças linguísticas, socioculturais, e associadas à deficiência, gênero ou credo. Percebe-se então que a ação inclusiva é aquela que oferece igualdade de acesso a todos, respeitando-se as suas diferenças (UNESCO, 1994).

No Brasil, as ações mais significativas voltadas à educação especial aconteceram somente ao século XX, com a criação de diversos institutos em vários centros urbanos do país como o Instituto Nacional de Surdos no Rio de Janeiro (1915) e o Instituto São Rafael para Cegos, em Belo Horizonte (1926), entre outros. Na década de 70, partindo do conceito de "Integração", algumas escolas passam a aceitar alunos especiais, desde que os mesmos conseguissem se adequar ao plano de ensino da instituição.

Apesar das práticas educativas inclusivas já estarem previstas no ensino regular, o atendimento especializado aos educandos com necessidades especiais na rede regular de ensino só começou efetivamente a partir da Lei 9.394/96 de Diretrizes e Bases, que determina a inclusão dos alunos portadores de deficiência nas

classes das escolas regulares. Por esse motivo, desde então, vem aumentando o interesse e a produção de trabalhos sobre o tema.

No contexto da inclusão, pode-se destacar o material didático como uma ferramenta essencial para enriquecer a intervenção, oferecendo ao aluno a oportunidade de aprender de forma espontânea e prazerosa, seja por meio de um jogo, de uma dinâmica em sala, ou de uma aula em um ambiente diferenciado, onde o professor tem a possibilidade de criar situações que instiguem o aluno a experimentar e buscar o conhecimento. Louro afirma que "a educação musical (ou alfabetização musical) não distingue o sujeito que se educa, mas os recursos e as formas como o conhecimento é transmitido ou o saber musical é apropriado pelo aluno". (LOURO, 2006, p. 106).

Relacionando a importância do material didático ao ensino de Música, os jogos têm um papel importantíssimo. Teca Brito (2003, p.31) afirma que o fazer musical é um jogo que pode dividir-se em três dimensões:

- Jogo sensório-motor - associado à exploração do som e do gesto;
- Jogo simbólico - vinculado ao valor expressivo e à significação do discurso musical;
- Jogo com regras - ligado à organização e à estruturação da linguagem musical.

A utilização de jogos como material didático propicia um desenvolvimento integral e dinâmico nas áreas cognitiva, linguística, moral, social e motora, contribuindo também para a construção e consolidação de sentimentos e valores como companheirismo, honestidade, cooperação, entendimento das regras, senso de responsabilidade, iniciativa, entre outros; criando laços afetivos entre os participantes e proporcionando uma experiência significativa aos alunos. (TEZZANI, 2006).

Portanto, a busca por materiais didáticos e outros recursos que ofereçam às pessoas com necessidades de educação especial a possibilidade de aprender como qualquer outro indivíduo, tornou-se um assunto emergente. A defasagem na evolução do ensino voltado à tal público surge atualmente como uma preocupação dos governos e, conseqüentemente, daqueles que estão envolvidos nesse processo.

Vistas as possibilidades e necessidades das pessoas com necessidades educacionais especiais, o presente trabalho apoia-se na busca por métodos didáticos eficazes baseados na experimentação real para com esse público.

A partir disso optou-se por trabalhar com os jogos musicais adaptados, afinal, é muito mais fácil e eficiente aprender por meio de jogos, independentemente da idade, pois o educando torna-se sujeito ativo no processo (LOURO, 2006, p. 106).

Metodologia

O estágio em questão teve como instituição concedente a "OFEARTE - Oficina Especial de Arte". A instituição desenvolve por meio da arte, um trabalho com educandos de diferentes faixas etárias e níveis de escolaridade, portadores ou não de necessidades especiais.

Todas as intervenções foram realizadas em uma sala multifuncional, com duração de aproximadamente 1 hora, contando com uma média de seis educandos por ocasião.

O trabalho realizado caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa descritiva, na qual os dados analisados são interpretados e contextualizados, ao invés de quantificados (BOGDAN & BIKLEN, 1991). A coleta de dados e resultados deu-se através da observação, análise de fotos e vídeos das intervenções, reflexões sobre a prática e relatórios; obtidos a partir uma visita técnica, uma aula diagnóstica e sete intervenções.

As atividades iniciaram-se a partir da visita técnica, que compreendeu a observação do espaço físico total da instituição concedente, assim como o espaço destinado às intervenções. Analisou-se também o que a instituição possuía em termos de material didático que poderia ser utilizado pelos estagiários. Na sequência houve a aula diagnóstica, onde foi sondado o repertório musical à ser trabalhado, e apresentou-se o tema "Música na educação especial: jogos adaptados".

Os jogos foram os principais recursos utilizados nas intervenções. Visconti e Biagioni (2002) afirmam que, ao utilizar-se os jogos como recurso para as aulas de música, parte-se do nível sensorial, trabalhando-se o corpo de maneira natural até atingir-se o nível da sensibilidade, chegando até o nível mental, momento em que as experiências vividas são compreendidas e teorizadas.

Também foram utilizadas várias canções de acordo com algumas preferências musicais dos educandos, como a canção "Tempo de Amor" de Victor e Léo, utilizada na apresentação final.

Relatos de experiência: práticas musicais na educação especial

As atividades iniciaram-se com uma visita técnica que compreendeu a observação do espaço físico da instituição, seguida de uma aula diagnóstica, onde foi sonda o repertório musical preferencial dos educandos. Nessa aula foi também apresentado o tema do estágio: “Música na educação especial: jogos adaptados”.

No processo foram utilizados como recursos didáticos 6 jogos musicais adaptados, contidos no livro "Educação Musical e Deficiência: Propostas Pedagógicas", de Viviane Louro (2006).

A primeira atividade trabalhada foi o “jogo da memória sonoro”, cujo material consistiu basicamente em cerca de vinte potinhos brancos iguais no lugar de cartelas com gravuras, formando pares com diferentes materiais dentro, como brita, arroz, água, entre outros; que quando agitados proporcionavam diferentes timbres. No final de cada rodada vencia quem houvesse encontrado mais pares de timbres.

No segundo jogo, chamado “Pé e Mão na Pulsação”, os educandos entenderam facilmente a atividade que consistia em acompanhar com percussão corporal (palmas, pés) símbolos representados em folhas sequenciadas: quando havia uma mão desenhada era feito um som agudo; se a folha tinha um pé, um som grave; e se tinha um ponto de exclamação desenhado, fazia-se com a boca o som “shhh”. A pulsação definia-se à pandeirola. A sequência dos símbolos ia sendo alternada a cada rodada concluída, proporcionando variadas dificuldades para a leitura dos mesmos.

O terceiro jogo utilizado foi “Encontre seu semelhante”, no qual a turma foi dividida em pares com o mesmo instrumento. Em seguida os educandos foram organizados em duas filas: uma de costas para a outra, com os pares organizados aleatoriamente. Ao comando dos estagiários um dos educandos tocava seu instrumento. O aluno da fila oposta que estava com o instrumento igual deveria tocá-lo, respondendo.

No quarto jogo, "Bingo Sonoro", os educandos escutavam diversos sons do cotidiano (chuva, vidro quebrando, veículos, entre outros), e localizavam em cartelas únicas as imagens correspondentes aos sons ouvidos. Quando preenchiam um padrão pré-combinado na cartela, o jogo era interrompido para a verificação e o ganhador era anunciado. De dificuldade mínima, o jogo aconteceu como esperado, pois todos interpretavam facilmente os timbres e marcavam as cartelas corretamente.

“Cama-de-gato” foi o quinto jogo utilizado pelos estagiários. Algumas linhas foram posicionadas em diversas direções na sala, ascendentes e descendentes e cruzando-se entre si. Os educandos, regidos pelos estagiários, acompanhavam o percurso de algumas linhas com movimentos melódicos vocais, juntamente com um instrumento não-temperado de timbre semelhante à uma flauta. Se a linha escolhida seguia um sentido ascendente, os educandos acompanhavam com a voz do grave ao agudo, se a linha era descendente acontecia o contrário com a voz e o instrumento. Dentro do contexto foram exploradas diversas possibilidades, como a execução da atividade em duplas, entre outros.

Em todas as intervenções, em meio aos jogos musicais adaptados, eram realizadas práticas musicais em grupo, onde todos executavam canções de acordo com a preferência musical dos educandos. Foram tocadas diversas músicas propostas pelo grupo, sendo que na 6ª intervenção houve uma votação para escolher a música que seria apresentada no encerramento do estágio. A canção escolhida foi “Tempo de Amor” da dupla sertaneja Victor e Léo. Nas intervenções subsequentes foram trabalhados com os educandos alguns elementos da música, como forma, letra e melodia, seguindo-se de alguns ensaios direcionados à apresentação final.

Para fulgurar o último encontro, realizou-se o encerramento, onde foram convidados alguns profissionais da instituição para prestigiar a apresentação dos alunos. O grupo musical foi formado por seis educandos, no qual um deles tocou pandeiro, enquanto os outros cantavam a canção “Tempo de Amor” acompanhados pelos estagiários ao violão e pandeiro. Após a apresentação os educandos escolheram o jogo que mais gostaram para que fosse refeito. O jogo escolhido foi “Bingo Sonoro”.

Resultados obtidos

Tendo em vista a carência de métodos didáticos eficazes na experimentação com o público com necessidade de educação especial como uma das principais motivações para o desenvolvimento deste trabalho, as intervenções foram planejadas para a experimentação de atividades musicais que possam sanar parte desse problema. Foi onde escolheu-se os “jogos musicais adaptados” (LOURO, 2006) como principal material didático a ser experimentado, constatando-se posteriormente a eficácia dos jogos escolhidos para as intervenções. Destaca-se também a fácil

aplicabilidade dos jogos em relação aos seus devidos objetivos, além da possibilidade de readaptação dos mesmos às particularidades de cada educando.

O grupo forma uma série mista, composta por seis educandos com deficiências cognitivas, dentre os quais três possuem também deficiências motoras. Além dessas duas deficiências, serão compartilhadas com o leitor reflexões acerca dos resultados obtidos também em questões comportamentais e musicais.

No que se refere às deficiências cognitivas, os educandos conseguiram obter uma boa compreensão em relação aos conceitos trabalhados, bem como sobre o modo de execução e às regras dos jogos. Nesses quesito destacam-se as atividades "Bingo Sonoro", que necessitou de muita atenção e concentração por parte dos educandos para conseguir - mediante sua dificuldade cognitiva, relacionar o som apresentado com a respectiva figura na cartela; e a atividade "Encontre seu Semelhante", na qual os educandos obtiveram um resultado melhor do que o esperado pelos estagiários, haja vista que o jogo, além de exigir a percepção de timbres específicos, à fim de formar pares, exigiu também uma apurada noção espacial para perceber de onde vinha o som, afinal, cada educando tinha várias possibilidades à suas costas para escolher a opção correta.

A questão comportamental representou um dos maiores desafios para os estagiários alcançarem o objetivo de musicalizar um grupo de pessoas com necessidades de educação especial. Havia momentos em que os educandos se mostravam dispersos, desconectados das atividades. Um dos educandos com deficiência cognitiva apresentava variadas reações quando contrariado, mas nunca sendo agressivo. Ainda assim, eram momentos delicados em que fazia-se necessária orientação por parte dos estagiários acerca de momentos corriqueiros de um jogo: a vitória e a derrota.

Os 3 educandos com deficiências motoras, evidentemente, demonstraram um pouco mais de dificuldade para realizar atividades onde necessitava-se de movimento e coordenação dos membros superiores. Foi aí que percebeu-se o quão importante é o planejamento da acessibilidade, permitindo que todos possam participar de forma igualitária, desdobrando tais dificuldades. Louro (2006) diz que tocar, cantar ou compreender uma música depende totalmente de fatores psicomotores. E que na música há ritmos diversos, pulsações distintas, andamentos variados; então: se uma

pessoa não tem bem estruturado sua consciência temporal, terá dificuldade em qualquer um dos itens citados anteriormente.

Sobre a questão musical, por onde discorrem os objetivos específicos do referido estágio, pode-se afirmar que as atividades foram de grande valia para a formação musical dos educandos. O exercício da interpretação das propriedades do som proporciona aos educandos a conscientização acerca da importância do som no dia-a-dia, bem como as suas funções, que passam despercebidas para a maioria das pessoas. As atividades "Jogo da Memória Sonoro" e "Bingo Sonoro", por exemplo, fizeram com que os educandos pudessem entender que alguns sons podem ser reconhecidos sem que a fonte sonora precise ser visualizada - por meio do timbre.

O conhecimento do próprio corpo enquanto instrumento musical - por meio da percussão corporal, como na atividade "Pé e Mão da Pulsação"- faz com que o educando se valorize, conhecendo um leque de possibilidades musicais que o corpo proporciona.

Pode-se pontuar também acerca do conhecimento e experimentação da leitura musical alternativa. "Cama de Gato" traduz perfeitamente tal quesito. De fácil entendimento, a atividade conscientizou os educandos sobre como sons aleatórios podem ser registrados de forma visual. Além disso, a forma alternativa de registro de sons permitiu diferentes interpretações da mesma.

Considerações finais

Ao fim do processo constata-se que o estágio é uma prática relevante na formação do professor de música, onde são postos em prática todos os saberes musicais e pedagógicos acumulados durante a formação docente.

Analisando o processo como um todo, os estagiários concluem que os jogos musicais adaptados são uma ferramenta de grande relevância no desenvolvimento de pessoas com necessidade de educação especial, realmente capazes de fazer com que os mesmos vivenciem e interajam com a música de maneira plena; e que qualquer atividade musical pode ser adaptada para o aprendizado de qualquer pessoa - com ou sem necessidade de educação especial.

Partindo desse pressuposto é possível perceber o quão são enriquecedoras tais práticas. Jogos musicais como esses podem atuar diretamente dentro do contexto de convivência entre os educandos nas escolas de ensino regular, exercendo a função de

diminuir o abismo do preconceito, conscientizando todos os envolvidos nos processos educacionais voltados às pessoas com necessidades especiais, além de efetivar a real inclusão dessas pessoas no ensino regular e, principalmente, colaborar no desenvolvimento pleno de pessoas com deficiência em seus principais aspectos: físico, mental, emocional e social.

Entende-se agora o quanto se faz necessário o investimento na formação de profissionais preparados para atuar com pessoas com deficiência. A capacitação desses profissionais possibilita que o público com necessidade de educação especial seja atendido com qualidade, sendo assim o corpo docente capaz de ensinar de forma que todos possam aprender os mais variados conteúdos, garantindo a inclusão e aproveitando as qualidades e possibilidades dos educandos, ao invés de prendê-los em suas próprias limitações.

Referências

- BOGDAN, R.; BIKLEN, S. *Investigação Qualitativa em Educação: Uma introdução à teoria e aos métodos*, Porto Editora, Portugal, 1991.
- BRASIL. Ministério da Educação. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional*. Brasília, 1996.
- BRITO, T. A. *Música na educação infantil: Propostas para a formação integral da criança*. 2.ed. São Paulo: Peirópolis, 2003.
- LOURO, V. S. *Educação Musical e Deficiência: Propostas Pedagógicas*. Ed. do autor. São José dos Campos, 2006.
- SCHAMBECK, R. F. *Formação de professores de Música para o contexto inclusivo: perspectivas de graduandos na preparação para atuar com alunos com deficiência*. Anais do XXV Congresso da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Música. Vitória, 2015.
- TEZANI, T. C. R. O jogo e os processos de aprendizagem e desenvolvimento: aspectos cognitivos e afetivos. *Educação em Revista*, Marília, v. 7, n. 1/2, p.1-16, 2006.
- UNESCO. *Declaração de Salamanca sobre princípios, políticas e práticas na área das necessidades educativas especiais*. Conferência Mundial de Educação Especial. Salamanca, Espanha. 1994. Disponível em: < http://redeinclusao.web.ua.pt/docstation/com_docstation/19/fl_9.pdf > Acesso em: 25 jun 2016.
- VISCONTI, Márcia. BIAGIONI, Maria Zéi. *Guia para Educação e Prática Musical em Escolas*. São Paulo: ABEMMÚSICA, 2002.